



REDACÇÃO PRINCIPAL
ALEXANDRE VIEIRA
Propriedade da Confederação Geral do Trabalho
EDITOR—**JOAQUIM CARDOSO**

Redacção e administração: Calçada do Combro, 38-A, 2.º
Lisboa—PORTUGAL

End. telegr. Tathaba—Lisboa • Telefone: 2

Officinas de impressão: Rua da Atalaia, 134

A BATALHA

DIÁRIO DA MANHÃ—PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

Em volta do pão

Uma das reclamações que mais apaixonou a classe operária e que a organização sindicalista mais agitou depois da guerra foi a da criação dum tipo único de pão, tendo-a a extinta União Operária Nacional incluído no número das que apresentou aos poderes públicos, cuja desatenção por parte destes levou ao movimento de Novembro de 1918.

Assistimos, muito antes da apresentação daquelas reclamações aos governantes, a combóios em que o povo, em face da mistela que lhe serviam como pão, se manifestou pela adopção do tipo único, confiado que uma vez estabelecido esse regime passaria a adquirir um género regular, não só porque supunha ingenuamente que desde que a Panificação e a Moagem fossem compelidas a produzir um único tipo, este teria que ser forçosamente melhorado, mas também porque estava na persuasão de que com tal medida o preço do pão baixaria sensivelmente.

Não ignoram os leitores a oposição sistemática que aquela reclamação popular encontrou, até há pouco, da parte das estações oficiais, que invariavelmente afirmavam que não era possível um único tipo de pão, embora o que cá se sustentava ser impossível se estivesse praticando, com satisfação geral, noutros países.

O actual ministro da agricultura, depois de ter tentado, ainda com os dois tipos, evitar os justos protestos do povo, que continuava a ser envenenado e roubado pela Moagem e pela Panificação, decidiu-se finalmente a decretar o tipo único, que podendo trazer duas vantagens para o consumidor: o melhoramento da qualidade e a baixa do respectivo preço, nenhuma delas ocasionou, porquanto, em releição à primeira, viu-se que a Moagem e a Panificação, no intuito de anularem a deliberação governamental, que absolutamente a contrariava, passaram a fornecer à população de Lisboa uma mistela detestável, e, no que se refere à segunda, o preço foi agravado consideravelmente.

O consumidor paga hoje o género mais caro e em vez do pão logere uma massa nauseante que tem arruinado a saúde de muita gente que é forçada a meter no estômago aquela substância nojenta, dentro da qual é frequente encontrar resíduos imundos.

Não é difícil adivinhar com que intenção se praticam estes verdadeiros crimes: descontentar o povo, levando-o a pedir a aboli-

ção do tipo único de pão, que seria aliás o processo mais racional de abastecer o consumidor do seu principal alimento, se a população de Lisboa não estivesse sujeita aos bandoleiros da Moagem, perante cujo poder se curvam autoridades e governos, como se de criaturas invulneráveis se tratasse.

Tratam agora os potentados da Moagem e da Panificação—que tudo podem e tudo conseguem nesta terra—de preparar-se para voltarem ao regime dos dois tipos de pão, esperando certamente não encontrar grande hostilidade ao seu intento por parte do povo, do qual tem escarnejado o vanto. E, insatisfeitos com os tremendos roubos até hoje praticados à custa da fome dos que trabalham, pretendem simultaneamente realizar um novo assalto à bolsa do consumidor, elevando o preço do seu principal artigo de alimentação. Com esse intuito já os seus mandatários preparam terreno propício, propagando que não há possibilidade da população de Lisboa ter pão bem manipulado sem que o seu preço seja aumentado e se volte ao anterior regime.

Nesse sentido se estão movendo, segundo tudo indica, altas influências, lamentável sendo que uma associação que se diz operária—a União dos Operários Panificadores—que sabemos ser, há muito, orientada por indivíduos que não passam de instrumentos da Moagem, esteja fazendo o jogo descarado dos patrões, procedimento que é bastante a marcar esse organismo e os que o dirigem como autênticos inimigos dos trabalhadores.

E' inadmissível semelhante procedimento e não podem ser considerados trabalhadores honestos e dignos indivíduos que, como aqueles, em vez de se limitarem a defender os interesses morais e profissionais dos seus associados, preferem colocar-se ao lado da Moagem, servindo-lhes os torpes designios, fazendo assim uma obra de traição que é vivamente condenada por todo o povo que trabalha, o qual não pode admitir que haja operários que se prestem a pôr acima dos sagrados interesses do público o duma legião de exploradores como são os potentados da Moagem e da Panificação.

Não consideramos tais criaturas como pertencendo ao nosso honrado grémio, mas apenas como trapos e dos mais repugnantes.

C. G. T. A censura à imprensa

As últimas reuniões do Conselho Confederal

Em suas reuniões de ontem e anteontem prosseguiu o Conselho Confederal na apreciação do relatório do Comité, havendo-se discutido nestas duas sessões o capítulo correspondente à Casa dos Trabalhadores, tendo a comissão que presentemente anda tratando do assunto dado conhecimento ao Conselho Confederal dos trabalhos realizados.

Na reunião de ontem foi comunicado ao Conselho o resultado da entrevista que os representantes de A Batalha, órgão na imprensa da C. G. T., na véspera haviam tido com o actual presidente do ministério, do que resultou deixar de ser exercida, pela polícia de segurança do Estado, a censura sobre A Batalha e os outros jornais que há tempos a essa censura vinham sendo submetidos.

Em face disto, o Conselho Confederal deliberou suspender o movimento que havia sido iniciado no intuito do proletariado organizado realizar um protesto nacional contra o regime arbitrário da que estava sendo sujeita A Batalha, motivo porque a comissão que ultimamente havia sido nomeada para promover esse protesto já não envia aos sindicatos a circular que, de acordo com o Comité Confederal, tinha elaborado e que estava prestes a ser remetida aos organismos aderentes.

O Conselho Confederal reúne amanhã, pelas 10 horas, em sessão extraordinária, para se ocupar dum assunto de extrema urgência.

Lêde e propaga A BATALHA.

A arte e os artistas

Exposição de trabalhos artísticos em ferro — A moral da Arte aplicada

Encontram-se patentes ao público, no eterno salão da Fotografia Bobone, alguns objectos artísticos executados em ferro, pelo operário Lourenço Chaves de Almeida, de Coimbra.

Sabemos que o ferro não é matéria maleável como o gesso, o ouro ou a prata, sobre os quais o artista imprime com maior facilidade o seu pensamento, o seu sentir. Por isso as obras que Lourenço Chaves de Almeida expõe possuem um valor artístico incontestável. Execução perfectíssima, rendilhados harmónicos, como se fossem tecidos por dedos leves de mulher, graça e finura, tudo contribui para que realce mais a dificuldade do trabalho, para que nos encante, nos impressione fortemente. Nada percebemos da técnica, certamente fatigante, de esculpir em ferro, mas não impede essa ignorância que ante a beleza real que tais obras encerram nos confessemos maravilhados. E todo o trabalho artístico que obriga a admirar, é belo.

Quem melhor do que nós poderá admirar essa escultura em ferro, são os operários metalúrgicos, aqueles que fazem uso, mais material do que espiritual, do martelo e da bigorna, do ferro e da forja. Tem estes ali muito que aprender. Nós podemos visitar esta exposição por dilettantismo, por amor às coisas belas; porém, os metalúrgicos devem lá ir quasi por obrigação. E aprendem que o trabalho é espírito; que o trabalho—rude alié homo gerador de riqueza alheia e do cansaço físico—se pode aliar um pensamento mais alto; que o trabalho árduo pode gerar-se o sentimento do Belo, como na terra fecunda nasce a mais mimosa planta, desabrocha a mais bela flor.

Lourenço Chaves de Almeida, operário-artista, tem um mais inspirado do que qualquer que se dedica a trabalhos artísticos mais leves, conhecidos vulgarmente por intelectuais, não fez unicamente grandes obras de arte; pôz em evidência uma lacuna que é preciso preencher—a arte aplicada.

O seu esforço merece por isso os nossos elogios sinceros. Elogiando o discípulo, deve o seu mestre, António Augusto Gonçalves, sentir também o seu esforço largamente retribuído. A maior alegria do mestre é o triunfo do discípulo.

Muitas vezes as boas ideias perdem-se porque não vêm à luz oportunamente. Por esse motivo, aproveitamos esta oportunidade, que julgamos azada, para algo dizer sobre um assunto de primordial importância, para o desenvolvimento das faculdades artísticas do povo.

Devido talvez à sua habitual pobreza, o povo, em questões de arte, é extremamente utilitário. Assim, não vemos que ele poucas vezes faz arte pela arte.

Um homem do povo não faz um desenho para colocar na parede e admirar; não prefere esculpir uma figura qualquer, na tampa de uma caixa. A mulher caseira não pinta um objecto mui papal para se recrear apenas a vê-lo; borda um cravo ou uma rosa numa almofa-

porada; Prís Speaker, um outro as, alparada-se com 12.000 dollars. No que respeita ao boxe não são menores os proveitos. Benjamin Leiner, campeão do mundo na categoria dos leves, empocha 120.000 dollars por ano. Giuseppe Dundee, recebe actualmente 75.000 dollars. Sabendo-se que o dollar regula por cinco mil réis actualmente, já é fácil calcular a enormidade dos progressos que os sportsmen americanos afluem. Agora, os trabalhadores ganham muito menos, apesar de se esforçarem muito mais ou talvez por isso mesmo, visto que a regra é ganhar-se tanto mais quanto menos se faz.

Realmente, nestes tempos de carestia da vida, do que mais precisa o povo português é duma praça de touros, para passar à capa... os assambradores.

Acá não falta Dizem-nos da Arcada: «O ministro da agricultura tem garantido o abastecimento de açúcar a todo o país durante os meses de Junho e Julho, à razão de 3.000 toneladas por mês».

Sim, senhores, há açúcar para dois meses, e está garantido o abastecimento dos cofres dos ratoneiros comerciais.

O carvão As donas de casa recebem todos os dias uma notícia que lhes perturba o sono. Um dia dizem-lhes que não há azeitado. Quando há azeitado não há carne, quando há carne não há outro género necessário ao governo da casa.

Agora falta o carvão: fazem-se bichas para o carvão. Se não há manteiga para cozinhar, sempre se obtém banha; se não há banha arranja-se azeitado.

Para substituir o carvão só uma maneira conhecemos—a pele dos coqueiros. E' lançá-la no fogo e deixar arder!

Máximas O sr. Trindade Coelho enviou para A Pátria as suas máximas. São algumas delas duma oportunidade extraordinária, por isso nos permitimos transcrever a que segue:

«Até daquelles que julgam que o povo se ilude. Al deles, porque iludindo-o, onde deixaram uma criança vão encontrar uma hiena».

Os desportos Quando, na América, um atleta profissional consegue atingir a classificação de as— diz um jornal francês—fica habilitado a arrecadar ganhos que até o próprio presidente da República invejaria. George Ruth, as de baseball, recebe 20.000 dollars por cada «temporada» de cinco meses. Um outro as de baseball, Ty Cobb, recebe 17.000 dollars por tem-

porada; Prís Speaker, um outro as, alparada-se com 12.000 dollars. No que respeita ao boxe não são menores os proveitos. Benjamin Leiner, campeão do mundo na categoria dos leves, empocha 120.000 dollars por ano. Giuseppe Dundee, recebe actualmente 75.000 dollars. Sabendo-se que o dollar regula por cinco mil réis actualmente, já é fácil calcular a enormidade dos progressos que os sportsmen americanos afluem. Agora, os trabalhadores ganham muito menos, apesar de se esforçarem muito mais ou talvez por isso mesmo, visto que a regra é ganhar-se tanto mais quanto menos se faz.

Os bancos A alegria dos patriotas é a quantidade imensa de casas bancárias que estão surgindo por todos os cantos. «Isto honra a Pátria»—dizem uns—«E' um sinal do progresso da nossa terra»—dizem outros. Os milhões de contos de capital, as agências em toda a parte, a ávida multidão dos negócios que o enche, quanto a nós, representam a mais absoluta miséria do povo.

Quantas centenas de jantares que não se comem representa a mais simples transacção?

As grandes medidas Dizem-nos que foi já da ordem para serem distribuídos ao público os 61.000 litros de azeitado há tempos apreendido à firma Gonzalez da rua dos Bacalhoados e que motivou a multa de 30 contos que lhe foi aplicada, e que foi também determinado que fosse arrolado todo o carvão vegetal existente nas estações de caminho de ferro, a fim de ser tomado pelo governo, caso os seus destinatários não o despaquem imediatamente para consumo público em Lisboa, e que vai ser requisitado todo o café existente nos entrepostos do porto de Lisboa, visto os armazéns se recusarem a despachá-lo para não o venderem aos retalhistas pelo preço da tabala.

Pois sim, vão-se ralando, respondem os assambradores, rindo-se das medidas governamentais e da paciência do público consumidor, que se vê doído com a carestia e a carestia dos géneros. Só a grande e forte justiça do povo será capaz de conter em respeito os impetos e a desvergonha de tais cavalheiros do comércio e indústria.

NÃO APOIADO!

LOCUTÓRIO DUM INSURRECTO

Uma passageira nota de jornal que há poucos dias caiu sob os meus olhos, referia o número elevadíssimo de recém-nascidos abandonados pelas ruas desta decantada cidade de Lisboa, a partir do início deste risonho ano de 1920, que, sem ter chegado a meio, já tanta coisa nova nos proporcionou. Da enormidade desse número não me permite a memória que dê aqui contas estritas aos leitores. Mas lembro-me perfeitamente que fiquei horrorizado ao tomar conhecimento dele, por pensar no profundíssimo desarrajo moral que corroi a organização social vigente. Um jornal lá de fora em que neste momento pego, aludindo a factos de idêntica natureza passados em terras de França, traz-me à memória o assunto e denovo me mergulha em excruciantes pensamentos.

Que o abandono de crianças verificasse em toda a parte, excepto naquelas regiões a que a «civilização» não chegou ainda. Nessas regiões, desmpeçadas de preconceitos, as mães cuidam dos filhos, e só finda o cuidado quando estes se mostram capazes de haver-se por si mesmos na luta pela vida. Nos países «civilizados» a percentagem de crianças abandonadas aumenta de dia para dia. Uma são deixadas ao abandono logo depois do nascimento. Vem a primeira aragem da noite e mata-as. Outras são atiradas para a rua um pouco mais tarde, logo que aprendem, quasi instintivamente, a pedir esmola. Vem a primeira sedução do vício e prevete-as. São as mais infelizes, estas. E, sem embargo, a nossa «civilização» orgulha-se das suas conquistas. Temos viação eléctrica, temos assistência pública, temos raios X e seguros sociais, temos o diabo a quatro. Mas temos também estas misérias lancinantes que se revelam, com terrível frequência, nas trouxas com que se topa, pelas esquinas das ruas sem iluminação, nesses emburruhos misteriosos contendo pequeninos seres que a sociedade não deixou viver.

Estes sindicatos operários, impelindo os trabalhadores para a solidariedade na luta por mais bem-estar, preparam, para depois do seu definitivo triunfo, o trabalho em comum, visto que os interesses são comuns; trazem a moral no respeito à distribuição dos frutos do trabalho. A arte aplicada traria o sentimento do trabalho, a necessidade orgânica de trabalhar bem. Os artistas, se quisessem, poderiam ajudar a nova moral a triunfar. Bastava que se desviassem de preconceitos prejudiciais a todos e viessem até junto dos sindicatos explicar o papel importantíssimo que a Arte pode desempenhar no Trabalho, mostrar qual necessário se torna desviar um pouco o mecanismo industrial para o lado artístico. Os primeiros lucravam porque roubavam a sua moral na compreensão do Belo, os segundos porque viam claramente a justiça do Trabalho.

Estreitar-se-iam, assim, os laços de solidariedade entre manuais e intelectuais, unidos por um elo indestrutível—o amor à Beleza e ao Trabalho.

M. D.

Prof. Carlos Malato

Eleições na Irlanda

Vitórias trabalhistas e «sinn-feyners»

DUBLIN, 11.—As eleições para os conselhos administrativos do Condado, foram verdadeiras vitórias para os «sinn-feyners».

Em Dublin, numerosas candidaturas foram ganhas pelos «sinn-feyners» e pelos trabalhistas.—R.

Entre albaneses e Italianos

Os insurrectos forçam os adversários a retirar

ROMA, 11.—Pelas últimas notícias recebidas, os insurrectos albaneses continuam atacando as tropas italianas que ocuparam Vestrova, a quatro quilómetros de Valona. Os postos italianos retiraram para Valona, levando o seu material.—R.

Carlos Malato

conhecidíssimo nos meios operários de toda a parte, e autor do

novo folhetim

que A Batalha começará publicando

na próxima terça feira

conseguir reunir, na obra de que os nossos leitores em breve tomarão conhecimento, a intensidade dramática, o episódio empolgante, e o facto histórico, por forma a conjugar todos os requisitos susceptíveis de tornar uma novela interessante a todos os leitores. De facto,

Os Comuneiros

que assim se intitula o

novo folhetim de «A Batalha»

publicado já em jornais franceses e brasileiros, obteve um êxito notável, e não duvidamos que um futuro equivalente o agraude em Portugal. Os nossos leitores verificarão o acerto das nossas previsões, quando,

na próxima terça feira

começarem a apreciar o real valor literário de

Os Comuneiros

dizem mal das pequenas com certo ar

DA VIDA QUE PASSA

xxx

A hidra sem cabeça

xxx

E' ver a pungente submissão da gente adaptando-se para a conquista de uma diminuta porção de género almejado, vendido entre chafas e arremesso, por um preço ignóbil e revoltante. E' analisar a psicologia daquela expectativa, em que há milhares com uma doce resignação, como um tam melancólico abatimento, como se aguardassem a vez, num hospital, para acariar um filho querido.

Arrastados os rebeldes, os queixosos que osarram lamentar o roubo do seu tempo, do seu tempo apenas, a bicha inteira, entra a censurar o seu procedimento!

Nem uma queixa mais. Nem uma revolta, nem uma indignação ante um espantamento, ante uma grosseria de merceiro ou da policia...

São apenas lamentos, imprecacões contra os rebeldes, contra aqueles estafados precipitados!

—Mas se eles não querem esperar, porque vem cá? O que é que eles querem?.. Chegar e andar!.. Ora está-se logo a ver que isso não podia ser... E' preciso muita paciência!.. As coisas não podem ir a correr. Se não fossem eles vir cá fazer a zaragata, já estávamos todos aviados, assim... E' bem feito que o teneiro agora não queira vender; está no seu direito. Eu cá por mim, se fosse ele, era o que fazia...

E, nesta progressão de comentários, chegam-se a ouvir frases como estas: —E' bem feito... E' bem feito!.. O povo é que tem a culpa. E' muito imprudente!

E nem um esboço de revolta contra os de cima, contra os causadores da sua miséria, do seu envenenamento, das suas longas permanências, das suas insultuosas atitudes no momento da venda problemática!

Se já há gente que leva farnel, que leva bancos, que se sujeita a estar debaixo das sombrinhas, longas, intermináveis horas!

Senhores da segurança do Estado!.. Era ali que deveria estar a hidra. Era com a fome, com o envenenamento, com as lágrimas, com a provocação e origem de epidemias; com os insultos, e com todas as revoltas, todas as dores, todas as descaradas injustiças, que ela, a famosa hidra, deveria procurar o seu esconderijo, mas essa hidra é a que acabais de ver. E' uma hidra mansa e inofensiva. E', numa palavra, uma hidra sem cabeça.

Eduardo FRIAS

xxx

A cidade...

Os clubs dramaticos

de desprezo pela mulher. Por vezes, no meio da brincadeira há um que se amia por lhe terem roçado o polmeiro das botas com uma patada ou lhe emaranharam o cabelo reluzente de cosmético.

Os sócios entram ininterruptamente. Pares de namorados, meninas Pires, acompanhadas de papás obesos, raparigas decotadas,—das quais se murmura aventuras inconvenientes—brincam de mãos com todos os rapazes.

Lá dentro estolram as gazosas. Uma algazarra ensurdecedora, nascida de mil conversas simultâneas paira na sala apinhada e nos bastidores vai uma azafama esgotante. Já passou uma hora sobre a hora marcada; os amáveis sócios ropeitram as Carolinhas e estão fartos de tocar fados para entreter; um gazómetro de acetilene rebentou, com acompanhamento de gritinhos histéricos das meninas assustadas e o pano não levantou ainda. E' sempre assim, é o hábito lisboeta. Por mais recomendações, por mais prometteimentos que se façam, todos chegam tarde, tudo começa tarde.

Amadora, uma Julieta descarada que troca beijos sófregos nos bastidores com os protagonistas, passa correndo, com as faces pintadas a zarcão e os seios semi-nus; os actores com agrados envergam o frack pra grande scena e alisam a cabeleira, com ar importante; o contra-regra, em mangas de camisa suja, dá por todos os poros e pergunta se o «conde» está vestido; o «conde» espreita detraz do biombo e participa que está em ceras.

Entretanto na sala lava grande impaciência...

Espera-se o drama. Aquela gente alegre e divertida adora a tristeza, ama românticamente as lágrimas, as scenas emocionantes, brutais, em que as amorosas vomitam os intestinos devido à violência do veneno, oferecido pelo amante; e depois de muito enredo e muita complicação patética, gostam que tudo termine em paz, que a tempestade se afaste e ele e ela se abracem no fim do último acto e exclamem, beijando-se suavemente:

«Entim, sêmos felizes!»

Entretanto na sala lava grande impaciência...

Este amor aos dramas violentos e aos finais alegres tem a sua explicação: cada um dos sócios, desde o músico ao actor, do actor ao contra-regra, e de lá as meninas Fifi e respectivos papás, possui a sua tragédia que raro acaba alegremente; cada um dos estimáveis membros identifica o seu drama íntimo com a scena; e vê a peça acabar com o triunfo dos que se amam, agora bom fim ao seu drama, aquele que se repre-

zizam mal das pequenas com certo ar

A situação na Alemanha

As condições económicas dos vencidos e dos vencedores são muito semelhantes

Eia como a situação na Alemanha é descrita, a largos traços, por Rodrigo Valentim, numa sua correspondência de 23 de Maio, para *El Comunista*, de Madrid:

«O exército vermelho do Ruhr desapareceu. Onde se erguia, ainda há tam pouco tempo, com as armas na mão, um proletariado rebelde e audaz, não se vê agora senão o paciente lavrador das terras com o seu ancinho e o seu arado. Tudo parece ter voltado à vida ordinária da normalidade.

Quem chega a Alemanha com a ideia de encontrar todos os sinais característicos duma revolução, experimenta, nos primeiros dias, uma grande desilusão. A primeira vista, a Alemanha parece ser a mesma dos dias anteriores à guerra. Em Berlim, o «Kaiserhof» chama-se apesar de tudo, o «Haiserhof»; a «Wilhelmstrasse» continua a ser a «Wilhelmstrasse»; a estátua de Frederico, o Grande, continua no seu lugar, à entrada de «Unter den Linden». Os oficiais continuam a ostentar as suas cruces de ferro, prata e ouro, no passeio de «Kurfürstendamm», e os grandes cafés continuam enchendo-se de gente rica e gastadora, com todo o descuido da dominação burguesa.

Só mais tarde uma pessoa percebe que aqueles que enchem os cafés, na sua maior parte, são estrangeiros, que veem à Alemanha para usufruir as vantagens que a baixa do marco lhes proporciona, tornando-lhes possível uma vida de príncipes, quando no seu próprio país, a sua condição financeira, os obrigaria a viver como modestos burgueses. Os alemães não podem permitir-se o luxo de ir aos cafés, excepto, naturalmente, os muito ricos. Os alemães não podem desbaratar dinheiro. Estão todos em más condições; os trabalhadores, claro está, principalmente.

Uma taquígrafa, por exemplo, tem que pensar como poderá com o seu ordenado de 200 marcos mensais, comprar um par de sapatos que custa 800; o operário tem de estudar a maneira de adquirir o pão, que não pode pagar. Há na Alemanha uma escassa alarmante de subsistências, e os seus preços vão subindo até aos céus. O leite, o açúcar, a carne, são coisas que a classe operária quase não conhece. Devido à escassez da farinha, distribuem-se senhas para o pão e está proibido vender pão ou farinha a quem não tenha senha.

Mas de que valem as senhas para o que não pode pagar o pão? Os pobres só comem batatas e vendem as suas senhas aos grandes restaurantes, aos comerciantes intermediários e às casas ricas da boa sociedade. Estas sempre têm farinha e pão de sobra, pois fazem um grande negócio na compra e venda das senhas. Em nenhum bom restaurante se ofende de clientes pedindo-lhes as suas senhas de pão; o único que se lhes pede é o dinheiro. Com dinheiro não há nada que não se possa conseguir em Berlim; as crianças pobres não tomam leite, mas os cães dos ricos, sim.

Tal é o estado de coisas na Alemanha. Não se apia no que se chama «prosperidade» nem em nenhuma situação económica estável. Tam pouco se baseia, é isto pareça uma contradição, na cega submissão da classe trabalhadora, que parece, se deixou vencer outra vez pela rotina. Contudo, nos operários alemães de hoje existe alguma coisa de ameaçador. Vão para o seu trabalho, quando não há greve, e obedecem às instruções dos seus patrões quando lhes convém, mas fazem-no com um espírito bem diferente do que era conhecido. Parece que o fazem, como que dizendo: «Procedemos assim hoje,

mas estamos-nos preparando para amanhã, em que deixaremos de fazê-lo; poderíamos acabar hoje mesmo com você, senhor patrão, mas preferimos antes preparar um pouco as nossas forças».

Toda a gente na Alemanha, tanto os radicais como os conservadores, declara que a circunstância mais saliente do regime actual é o seu carácter de transitório. Ninguém o considera permanente. Os operários têm o olhar fixo no porvir.

Um dia, num restaurante de Berlim, perguntei a um jovem se o povo alemão não era mais feliz e se não estava em melhor situação nos tempos do kaiser, e, por um momento, receei que me partisse a cabeça. «O povo alemão», respondeu-me—estava engordando para o matadouro. Certamente que hoje não estamos em melhores condições, mas, num dia que já não está longe, acabaremos com toda essa gentinha que vive à nossa custa». Doutra vez, numa barbearia, lá ficando sem o nariz, devido à distração do barbeiro, que explicava, com todo o seu entusiasmo, o comunismo a um outro freguês. A minha própria humilde e tímida hospedeira me proporcionou uma certa surpresa, pois que, um dia regressando a casa, ouvi-lhe declarar que não haveria alívio para o povo alemão enquanto não viesse o «Socialismo» da Rússia.

Na classe trabalhadora alemã existe uma consciência de classe mais viva e um espírito revolucionário mais profundo do que na dos outros países. Reina uma solidariedade absoluta. Todo o operário se sente, a um mesmo tempo, soldado do exército proletário. Os militaristas do kaiser inspiram um ódio tremendo.

Estes sabem-nos assim como também que já passaram os seus dias de trínfo; mas, apesar de o saberem, não podem resistir à tentação de fazer planos para implantarem a sua ditadura. Tenho falado com muitos *leaders* socialistas e comunistas, e todos creem que se dará em breve outro golpe de estado da direita. Asseguram também, e eu compartilho da sua opinião, que dentro de breves dias, (sobretudo se os socialistas obtiverem maioria nas eleições) se tratará de estabelecer uma ditadura Ludendorff-Hindenburg. O governo Ebert-Müller-Jessler, detestado por todos, fugirá, deixando a situação na mão dos militaristas. Porém, os operários alemães, que com o golpe de von Kapp compreenderam a sua força assim como também muitas outras coisas, não tolerarão isso nem um só momento. Estalará a greve geral, igual à que detestam a ditadura de von Kapp como se fosse um brinquedo; as massas, armadas de revólver e fuzil, lutarão pela conquista do Poder, tendo a República comunista dos Soviéticos como fim. A burguesia alemã é um inimigo formidável, e poderá acontecer que tenham que passar muitos meses até que a classe operária consiga apropriar-se do Poder e tenha consolidado o seu controle, mas a vitória é segura.

Pelo que me disseram Ernst Meyer e Daumling, resulta que tanto os comunistas como os independentes da esquerda esperam esse golpe. «Nós não podemos fazer nada agora—explicaram-me—mas o golpe militar nos oferecerá a oportunidade». Nenhum país está tam preparado para a revolução como a Alemanha actual. Com eleito, a revolução está pronta a marchar, só esperam que rompam as hostilidades. O K. P. D. (Partido Comunista Alemão) sobretudo, que conta com os operários mais revolucionários e melhor preparados, está resolvido a lançar-se na batalha e a lutar com todas as suas forças pela implantação da República dos Soviéticos.

Uma lâmina brilha na escuridão, a menina *Soisa* solta um grito, outra desmaia e o imprevidente conde aproxima-se do perigo. Súbilo há um assobio na noite lígubre. Dum salto o fadista atira-se ao conde, o outro dá também dois pinotes, a floresta treme. Mais gritinhos e ataques de nervos. Trava-se, então, uma luta terrível: luta tudo por terra, os pinheiros são jogados como pelas mãos enconchadas dos lutadores. Um dos fadistas agoniza já e o outro, dominado pela força hercúlea do conde, está quase a dar a alma ao criador.

«Não me mate... Confesso tudo...» murmura o fadista roncamente. Desvenda-se então o mistério.

O fadista confessa tudo. Tinha sido pago pelo primo do conde a fim de raptar um gentil menino e assassinarlo. O primo era o único herdeiro da fortuna colossal do conde de Valmaior; o magnão ficaria assim com tudo quanto era do conde—com as calças, o frack, o charuto e a noiva.

«Canalha! Agora compreendo tudo!» berrou o conde, arranjando os punhos.

Nisto uma mulher entra pelo palco dentro, atira-se aos braços do conde e dá-lhe muitos beijos nas faces; com a comção o bigode do milionário cai... mas ninguém ri.

Uma senhora e um cavalheiro, perto da música preparam-se para entregar aos actores admiráveis dois grandes ramos de flores.

«Meu amor, amor!» Ela explica-se; tinha-se evadido e por acaso—ah o acaso!—vagueava ali pelo pinhal quando lhe reconheceu a voz, a voz do seu conde, a voz do amor dos seus amores.

Há lá ao fundo um arrastar de cadeiras: são rapazes que se preparam para perder a noite, valendo.

O drama chega ao seu termo, a teia meio público, comovido, olhos marejados de lágrimas sentidas.

O conde e o sonho dos seus sonhos exclamam:

«Finalmente, somos felizes!»

Mário DOMINGUES

A BATALHA

Diário da manhã

Porta-voz da organização operária portuguesa

Publicações

Recebem-se em administração de A seus agentes das províncias, nas agências, Hucos, Bastos e Gonçalves, Rádio e demais agências de notícias. Não se publicam comunicações e anúncios com acções particulares ou a vida privada de qualquer pessoa.

Notas de alem fronteiras

Contra a construção de quartéis

As discussões das associações operárias de Orense, tendo reunido para tratar da projectada construção de quartéis, resolveram publicar um manifesto apelando os factos, convidar o povo para um comício que se realizará brevemente e entregar à câmara municipal um documento em que se protesta contra a deliberação tomada pelo município de adquirir terrenos para quartéis; além disso, deliberaram opor-se por todos os meios a que a câmara concorra para as despesas da construção ou faça qualquer adiantamento com esse fim ao ministério da guerra, afirmando que se o ministério quer construir quartéis que o faça por sua conta, pois tem meios de sobra no seu orçamento.

Para complemento da sua atitude só falta que se recusassem os operários a fazer tais construções.

Os soviets e os índios entendem-se

Contam os jornais que entre Lénine e os revolucionários hindus se tem trocado amistosos e interessantes telegramas, tendo estes últimos manifestado a Lénine o seu profundo agradecimento e a sua admiração pela luta que a Rússia dos soviets empreendeu com o fim de libertar todos os povos, e especialmente os hindus, acrescentando que «a Rússia ouviu o clamor de morte agonia de 315 milhões de hindus que gemiam sob o jugo imperialista».

Lénine respondeu: «Sinto-me satisfeito de que o princípio da libertação dos povos do jugo dos capitalistas estrangeiros tenha encontrado eco entre os heróis hindus. A Rússia segue com atenção o despertar das Índias. Saudamos a estreita união dos mulumanos com os não mulumanos e desejamos que se estenda a todos os trabalhadores da Ásia. A vitória será certa se os proletários hindus, chineses, coreanos, japoneses, persas e turcos se unirem. Viva a Ásia livre!».

Estes telegramas parecem ter impressionado muito os aliados, principalmente a Inglaterra.

A opinião dum militar sobre o terror húngaro

Repetidas vezes, o governo da Hungria e os seus seguidores tem negado a existência do terror branco naquele país, mas o *Manchester Guardian* apresenta agora um testemunho valioso.

Diz este jornal que o coronel Wedgwood, deputado ao parlamento inglês, membro da delegação britânica trabalhista que foi à Hungria, declara que o terror branco existe realmente nesse país, que estão presas 12.000 pessoas por delitos políticos, e que foram executadas umas mil.

O coronel Wedgwood é de opinião que os governantes civis húngaros são impotentes e que o poder está de facto nas mãos da autoridade militar.

A delegação não pode cumprir minuciosamente a sua missão, pois que lhe opuseram toda a espécie de obstáculos.

O novo julgamento dos mineiros de S. Pedro da Cova

Pelo largo relato do nosso correspondente do Porto, tiveram os leitores de *A Batalha* ocasião de apreciar o que se passou no julgamento dos mineiros de S. Pedro da Cova.

A maquiavelica forma como os lavradores da região prepararam o processo, para inutilizar criaturas que não se sujeitam à sua tirania, é bem a demonstração de quanto é capaz a reacção, perseguindo ferozmente chefes de família, inventando para isso as mais fantásticas tramandas com o firme propósito de conseguir a sua deportação para África.

Do decorrer da audiência provou-se a insubsistência da acusação e os depoimentos das testemunhas nada de novo apresentaram que a confirmasse, antes deram uma demonstração de que se preparara arduamente um processo para condenar inocentes.

O júri, do qual uma parte era composta por lavradores, talvez para bem servir os seus apaniguados, deu como provada a acusação, para assim serem atirados para a Penitenciária homens que tem a noção nítida dos seus direitos.

Em vista das deliberações do júri, o juiz deu-o por iníquo, marcando para a próxima sexta-feira, 18, o novo julgamento, sendo de esperar que justiça se faça, pondo de vez em liberdade os mineiros de S. Pedro da Cova que há bastantes meses vem de sofrer o cativerio.

VER NA 4.ª PÁGINA:

Secção de Liverpool de A BATALHA

EM EVORA

Um comício de protesto

Tinha de realizar-se no passado domingo, em Evora um comício de protesto contra a pena imposta aos camareiros rurais, que a maioria do júri do tribunal daquela localidade entenderam dever condenar.

Relatou *A Batalha*, circunstanciadamente, todo o desenrolar desse julgamento memorável, e por esse relato identificados estão os nossos leitores de tudo quanto ali se passou e, decerto, com a opinião formada de que só por espírito de vingança poderiam ser condenados a pena maior alguns dos acusados.

O comício não se realizou no domingo pelos motivos que o nosso solícito correspondente salientara ontem, ficando transferido para amanhã onde será presente à sanção do povo de Evora a representação que ontem também publicamos, e que será enviada ao presidente do Tribunal da Relação de Lisboa.

A indignação da população daquela cidade ainda é bem manifesta, sendo de crer que accorra na sua máxima força ao comício público.

A Confederação Geral do Trabalho envia ali, como seu delegado directo, o camarada Carlos de Araújo, que junto do Conselho Confederal representa a União dos Sindicatos Operários de Evora, sendo o comício promovido por este organismo e pela Federação Nacional dos Trabalhadores Rurais, que ali tem a sua sede.

O crime de Evora

Em Evora, a velha e histórica cidade do sul de Portugal, honrada pelo esforço honesto de muitos dos seus filhos,

sentido de liberdade, e enlaçada por outros seus filhos, poucos, num sentido de regressão e de infâmia, acaba de passar-se um verdadeiro drama provocador de lágrimas, dessas lágrimas benéficas que, partindo comovidas dos olhos dos homens justos, vão directamente para os corações das vítimas, garantindo-lhes a certeza duma solidariedade quente, a solidariedade dos que são capazes de defender a justiça através de todos os perigos.

Não, não pode ser! Se o operariado de Portugal deixar passar em claro tal monstruosidade, não agindo conscientemente no sentido de que seja reparada a injustiça monstruosa que um júri inculco e perverso cometeu, o operariado desta parte da Lusitânia ficará desonrado, para todo o sempre! Não, mil vezes não! Ante um crime tam clamoroso, roubando a liberdade muitos inocentes, roubando a pobres crianças o amparo necessário, não pode ficar indiferente quem tenha consciência, quem tenha coração! É necessário que todos nós, os homens cultos, os que velamos pela justiça, não deixemos que a justiça se perca.

Façamos tudo para demonstrarmos à luz do dia a inocência comovedora das vítimas. Todos nós, que nos movemos em defesa de acusados simpáticos, temos obrigação de agir como se o caso se passasse conosco. «Hoje de ti... Sim: Hoje de ti, amanhã de mim. Se a reacção, saindo vitoriosa deste trama friamente arquitetado, consegue obter a certeza de que os seus crimes ficarão impunes, aí de todos nós, aí de todos aqueles que defendem a verdade, a nobre, a incorruptível justiça!

Dignifiquemo-nos todos, camaradas conscientes de Portugal, procurando demonstrar a inocência daqueles homens, condenados não porque de facto tivessem cometido algum crime, mas por que aos jesuitas de casaca assim convinha. Sejam dignos, sejam honestos e corajosos! Recorramos a todos os meios: na imprensa, na tribuna sindical, na tribuna pública, nos tribunais, em toda a parte onde a voz da justiça pode ecoar, façamos luz sobre este acontecimento extraordinário, bem digno da nossa atenção carinhosa. Redoemos todos o nosso querido e simpático camarada Sobral de Campos, generoso advogado das vítimas, prestando-lhe força necessária para que, conseguindo a revisão do processo, cobarde, consiga a liberdade para os pobres inocentes. Mais do que da reparação material, a liberdade, carecem eles da reparação moral, a sua indispensável reabilitação!

Reparai, camaradas, nas palavras desse já agora lendário Miguel Faria, uma das vítimas dos algeiros: «Estou inocente. Que as lágrimas de minhas esposas e filhas callem sobre as vossas consciências». Camaradas! Se, como eu, sentis os olhos marejados de lágrimas, as lágrimas sentidas do amor, as lágrimas abençoadas duma solidariedade sublime, juntai ao meu vosso grito consciente de clamoroso protesto e ajudai-me, a mim como a Sobral de Campos, a Sobral de Campos como a todos os homens de coração, a conseguir que aqueles homens recuperem a liberdade, criando novas energias, bebendo nova força. Ajudai-nos, camaradas!

Estejamos todos vigilantes. Diligentemente conseguir a revisão do processo. Façamos tudo que nos for possível. Em último caso façamos uma colossal manifestação na rua, não de desordem, por que disso somos incapazes, mas colossal pelo número, pela consciência e pelo intuito. Vamos a toda a parte. Vamos, se for necessário, até Belém, perante o sr. presidente da República, não para lhe pedir clemência, mas para lhe pedir isto, só isto: Justiça, Justiça, Justiça!

Gonçalves CORREA

Trabalhadores: Lede e propagai A BATALHA.

União dos Sindicatos Operários

A nova comissão administrativa que na p. 2.ª segunda-feira tomou posse, ficou constituída pela seguinte forma: Secretário geral, Eduardo Jorge; Secretário adjunto, Carlos de Araújo; Secretário administrativo, José dos Santos; Tesoureiro, Alexandre Assis; Tesoureiro adjunto, Júlio Rodrigues; Arquivista, Carlos Brando de Almeida; Vogal, Mário de Araújo.

A nova comissão administrativa está confiada em que os sindicatos de Lisboa dada a hora grave que passa se dediquem aos trabalhos da organização, para que este organismo se possa desempenhar cabalmente da missão que lhe está confiada. Assobrado como se encontra este organismo com diferentes trabalhos de organização local e para que de todos eles se possa ocupar inteligentemente necessário se torna que os sindicatos notifiquem aos respectivos delegados que devem comparecer a todas as reuniões, isto para evitar que a actual comissão administrativa, usando das faculdades que lhe confiere o estatuto, tenha que pedir aos sindicatos a substituição dos delegados, desde que os mesmos não compareçam a três sessões seguidas.

A comissão administrativa resolveu ainda notificar aos sindicatos para que os mesmos regularizem as suas cotizações atrasadas em virtude do encerramento da sede, para que este organismo não sofra com o atraso do pagamento, prejuízo este que se reflete em toda a organização local.

Protestou contra o que se passou com os trabalhadores rurais de Evora e com os mineiros de S. Pedro da Cova, resolvendo-se efectuar sessões de protesto em todos os sindicatos de Lisboa, contra tam acintosa perseguição. Apreciei ainda a situação de *A Batalha*, órgão do proletariado português, situação criada pelos governantes com o firme propósito de a fazer desaparecer. Resolveu-se também protestar contra essa perseguição e tomar deliberações de carácter reservado.

Mais resolveu que as futuras reuniões ordinárias da comissão administrativa se realizem às terças-feiras, dias em que devem comparecer todos os seus componentes.

Vida Sindical

COMUNICAÇÕES

Federação Nacional da Construção Civil.—Reuniu o Conselho Federal, tendo apreciado a marcha das reclamações dos operários desta indústria no Norte, resolvendo, em face da atitude dos mestres de obras, que se intensifique a acção da Bólsa de Trabalho desta indústria a fim de deslocar o maior numero de operários, obtendo assim vantajosa colocação noutros pontos do país.

Tratou também de intensificar e desenvolver a Organização Sindical do Trabalho, organizando, em todas as localidades onde hajam Sindicatos desta indústria, comissões técnicas, a fim de tomar conta de todos os trabalhos, fundando oficinas de produção de todos os ramos da indústria.

Condutores de carroças.—Na sua última reunião aprovaram as contas do mês de Maio, verificando-se a existência dum saldo de 555\$02, em depósito. Resolveu-se chamar a atenção da classe para que se mantenha solidária na defesa da sua associação e saber se todos os condutores de carroças já possuem a caderneta que os acredita como membros da classe.

Ficou estabelecido convocar a assembleia geral para o dia 18 do corrente, a fim de se tratar de vários e importantes assuntos, entre eles o cumprimento da lei das 8 horas de trabalho.

Sindicato Único da Construção Civil.—Comissão de melhoramentos. Avisa-se as comissões administrativas das secções sindicais, que de devam convocar as respectivas assembleias gerais, na próxima semana, para esta comissão dar conta da sua missão junto do ministro do comércio, no que respeita às tarefas, devendo também reunir os operários do Bairro Social do Arco do Cego. Os dias e as horas a que as assembleias se realizam, devem ser comunicadas a esta comissão com antecedência.

Sindicato Único Mobiliário.—A assembleia deste organismo, apreciando a conduta dum sindicato, que estava sendo colectivamente auxiliado por virtude de estar sem trabalho em consequência do último movimento, resolveu recusar-lhe o subsídio referente à passada semana, por sobre ele haver provas do seu incorrecto proceder.

Apreciando também o desaparecimento da artificial crise, que motivou as queixas pró-desempregados, resolveu dar por terminadas as subscrições e, ipso facto, os auxílios aos camaradas sem trabalho.

Assim, convidam-se todos os portadores de listas a vir fazer a sua entrega com a possível urgência, a fim do conselho técnico dar por finda a sua missão.

Occupando-se da situação da oficina sindical dos costeiros em face deste organismo, depois de acalorada discussão e de ser apreciado o seu funcionamento, resolveu submeter a uma nova assembleia uma consulta sobre a acção a desenvolver por este organismo junto daquela oficina.

Também foi lido e aprovado o balanço referente ao 1.º trimestre. Por último, apreciando as inscrições dum sindicato aos corpos gerentes, resolveu convidá-lo a tornar públicas as suas acções, sem o que será considerado como caluniador e ao abrigo dum dos artigos dos estatutos, que vai até à eliminação. A próxima assembleia reúne na quinta-feira.

Sindicato Único Metalúrgico.—Reuniu ontem em assembleia geral, para apreciar o conflito suscitado entre a comissão administrativa e a juventude sindicalista, razão porque tinham apresentado a sua demissão a comissão administrativa e três membros da caixa de solidariedade.

Depois de vários camaradas fazerem uso da palavra, foi aceite esse pedido de demissão, sendo nomeados para a comissão administrativa: secretário geral, J. J. de Matos; secretário administrativo, Alfredo Costa; secretário adjunto, José de Sousa; secretário arquivista, Alberto Tavares; tesoureiro, Joaquim da Silva; lido e aprovado o balanço de Solidariedade; José António Soares Máximo, Armando dos Santos e Cipriano da Conceição.

CONVOCAÇÕES

Federação Nacional da Construção Civil.—Para continuação de trabalhos pendentes, reúne hoje o Conselho Federal, pelas 21 horas, sendo precisa a comparecência de todos os delegados, pois se trata de assuntos importantes a resolver.

Bólsa do Trabalho.—Convidam-se os camaradas Araújo Pereira, João da Costa e Augusto Gomes a comparecerem hoje, pelas 20 horas, na sede para prestarem uns esclarecimentos.

Sindicato Único da Construção Civil.—Secção de Pedreiros. Reúniu aprovando a entrada de mais 16 sócios. Resolveu convocar uma assembleia geral para quarta-feira próxima, convidando o camarada Grilo a comparecer na referida assembleia.

Jardineiros.—Reúnem hoje, pelas 21 horas, em assembleia geral, para tratar dum assunto urgente e de maior importância o aumento de salário e nomear a comissão de melhoramentos.

Calceteiros.—Reúnem amanhã, pelas 15 horas, em assembleia geral, para tratar dum assunto urgente e de maior importância o aumento de salário e nomear a comissão de melhoramentos.

Sindicato Único Metalúrgico.—Reúnem amanhã, pelas 14 horas, as comissões demissionárias e as nomeadas na assembleia de ontem, a fim de encetarem os seus trabalhos.

É da máxima conveniência que compareçam, a esta reunião, os membros da Comissão Executiva do Conselho Técnico e de Melhoramentos.

Esquecimento condenável

António Marques escreveu-nos, justamente indignado, relatando que tendo seu pai, José Joaquim Marques, hospitalizado há tempo no hospital do Deserto, falecido no dia 1 de mês, nada participaram à família; enviando-o sem a menor explicação para a vala comum.

Apenas no dia 6, quando a família lá visitou, soube da triste novidade.

Bom seria que as entidades competentes tomassem as devidas providências para que factos destes se não repetam.

ULTIMAS NOTICIAS

NA ALEMANHA

Os velhos processos da «vigarice» política

MAYENCE, 11.—Segundo certas informações, as autoridades alemãs apesar das garantias dadas aos aliados, continuam activamente a reorganização e reconstituição do material do exército, que dizem dissolvido. Parece que várias baterias de artilharia pesada cuja destruição recentemente se anunciou, estão escondidas no Bosque Negro, a alguns quilómetros da fronteira, cuidadosamente disfarçadas.

A Alemanha declara abertamente não temer as investigações da comissão oficial aliada da fiscalização, pois esta não dispõe dos meios suficientes de inquirição.

Entre a espada e a parede

BERLIM, 11.—A situação política continua indecisa. A formação dum governo das direitas apresenta-se tam difícil como a dum governo das esquerdas.

Por lá há carvão, por cá é que não

PARIS, 11.—Informa a *Gazette de Voss* que as duas grandes sociedades hulleitais e metalúrgicas de Gessenkerchem e Deutsch Luxembourg concluíram um acordo para uma estreita comunidade de interesses, fornecendo a Deutsche Luxembourg as quantidades suplementares de carvão que ela precisa.

É esta uma nova manifestação de tendência para a concentração nas grandes indústrias alemãs.—*Rádio.*

Na Áustria

O chanceler e o gabinete também foram ao charco

PARIS, 11.—Anúnciam de Viena a demissão do chanceler Renner e do gabinete austriaco.—*Rádio.*

NA BÉLGICA

Do que estão livres os capitalistas

CHARLEROI, 11.—Em virtude dum desabamento nos poços carboníferos de Chatelet, morreram seis mineiros que caíram no fundo da mina.—*H.*

A França e os Soviéticos

O governo francês faz vários protestos

PARIS, 11.—O governo francês deu instruções ao seu representante em Stoccolmo para pedir em nome dos portadores franceses de títulos russos para serem postas sob sequestro as importâncias em rublos e em lingotes de ouro que foram depositadas nos bancos daquela cidade pelos bolchevistas. Por seu lado o sr. Millerand tentou receber o ministro da Suécia renovou o protesto do governo contra tal facto. Um protesto análogo vai ser formulado em Londres, onde um navio fretado pelo governo bolchevista deve aportar brevemente com ouro e platina. Este protesto será completado por um pedido de sequestração que vai ser dirigido ao governo britânico pelos subscritores franceses de empréstimo russo.—*Rádio.*

Conflito gráfico dos quadros dos jornais

Mantém-se no mesmo estado o conflito gráfico dos jornais, tendo dado, até hoje, a adesão às reclamações da comissão executiva os seguintes jornais: *A Situação, O Debate, O Popular, O Tempo, Jornal do Comércio e das Colónias, A Pátria, O Combate, O Radical e A Batalha*, esperando-se em breve a publicação de outros jornais, em harmonia com as reclamações formuladas pela comissão executiva, junto da Federação dos Trabalhadores do Livro e do Jornal.

Foram ontem postos em liberdade os tipógrafos Manuel Viegas, Miguel Cruz e Hugo Ferreira, acusados de autores do «empastamento» do jornal *A Monarquia*, e contra os quais nada foi provado.

Continuam as cotizações em todas as oficinas gráficas e para os jornais a contribuição do dia de folga.

A questão do pão

Da Associação dos Operários Manipuladores de Pão recebemos a seguinte nota:

Reuniu a direcção desta Associação para apreciar a questão que ontem se deu na associação que se diz dos panificadores. Lamenta bastante que tais indivíduos usem de processos tam condenáveis como os que tem usado até aqui.

Entenderam esses senhores que a Associação dos Operários Manipuladores de Pão se havia de baixar às suas manhas para o bom funcionamento da C. I. P. C.

Mas não sucederá assim. A Associação dos Operários Manipuladores de Pão não envereda pelo vosso caminho, porque ele é indigno.

Vós queis ver, como disseteis na vossa reunião do dia 10 do corrente, se o sr. Maldonado de Freitas é capaz de pôr os consumidores em geral a saque, usando da maior ofensiva a favor da moagem e conseguir dos seus colegas de parlamento para que se aumente o preço do pão.

Vós fostes ao parlamento entregar ao sr. Maldonado de Freitas um ofício e recebestes por resposta que no prazo de alguns meses, talvez, seriam as vossas reclamações atendidas, para depois pudesdes tirar então o pão mal cosido!

Esta direcção confia que tal coisa não sucederá, porque se o fizessem, pobres de nós todos que a Moagem levaria até os últimos 5 reis. Estes panificadores, apaniguados da Moagem, entre os quais há criaturas sem carácter, andam pelos ministérios, pelo parlamento, para obter o pão a qualquer preço.

Foi comunicado ao ministério da marinha que, a partir de 15 do corrente, começa a funcionar o farol da Boa Viagem, na ilha do Falal.

Este farol é destinado a dar resguardo ao local onde se encontram estabelecidos os cabos submarinos, e tem dois sectores, um branco e outro verde, cuja linha de

CONTOS DE «A BATALHA»

SÉSTA

O gaço desce a sombra das azuleiras e carrasqueiros que povoram o monte; o sol de agosto desce-se em chuvas de fogo sobre os penedos; as bombas bravas e as rodas arruham a volta de seusinhos mecos construídos, as perdas cantam amores, perseguindo-se entre os tomilhos rescos; a fonte destila o jorro de suas águas na ampla volta de pedra cingida por espadas e por juncos; junto dela dormita o pastor com o cajado entre as pernas e o mastro aos pés.

Aquele monte onde a curiosidade humana penetra raras vezes, é o reino disputado do solitário guardador de ovelhas; ali permanece dias e dias, silencioso, esquivo, escutando o canto das aves, o monótono correr da fonte, o murmúrio do ar ao quebrar-se sobre as folhas, o melancólico balar do gado. A aurora surpreende-o já desperto e crepusculo quasi a ponto de dormir. O calor e o frio tocam, sem penetrar, a sua pele rugosa e dura; uma canção de ritmo selvagem brota às vezes por seus lábios e seus olhos inexpressivos se alegrem ao ouvir os passos do fazendeiro que todas as semanas sobe a trazer-lhe os sete pães de dois arrátéis e os quantos tostões que constituem a sua fêria.

O pastor nunca desce ao povoado; não tem mulher, nem filhos, nem família. Amigos, um só: o cão que lhe ajuda a guardar as rezes, a comer os restos de pão e a defender-se dos lobos. O pastor fala com o seu amo quando este vem ao monte e lhe dirige a palavra. Fala com ele durante a noite; enquanto lavadores e marchantes conversam familiarmente, refreia-se para um lado e permanece só, dirigindo-lhes olhares onde brilham relampagos de desprezo e de ódio.

Quando se senta numa rocha, comanda com ela os tons pardos do seu traje, e com este os tons morenos da sua cutis; parece uma estátua humana posta em movimento, quando empunha o cajado e começa a andar arrumando as ovelhas com um chébr brando e o seu dono com um sibilo.

Se o lobo o morde ou ao cão, com a mesma pisa de ervas criadas nos montes, tira as carnes dilaceradas de um de outro. Nada quer, nada deseja, nada pede. Nas noites claras contempla as estrelas do céu, nas escuras as sombras do espaço.

Chega-lhe a ele quando dormita junto à fonte; focaliza no ombro, e ao voltar, para vós o seu rosto inexpressivo e duro, diz-lhe:

«Porque estás sempre só? Não desias viver com os outros homens? Não te pedia a sua convivência? Não achas necessidade da sua companhia? Perguntai-lhe e ele vos responderá: «Para aqui vim desde muito pequeno; não levantara sequer aquele cordeirinho que saltita pelos silvados. «Aqui cresci entre as minhas ovelhas. Emquanto não sai daqui considero-me o mais ditoso dos homens. Uma fonte para apagar a minha sede; uma rocha para apegar a minha sombra; um pedaço de pão seguro; uns quantos

vinténs que não sabia em que gastar; uma pedra para reclinar a cabeça durante o sono; um cão que me acariciava de dia e me guardava de noite.

«Era possível que alguém no mundo tivesse coisa tão boa? Uma tarde desci ao povoado e ali vi que o meu patrão possuía uma casa grande, muito grande, com muitas cadeiras e muitos quartos; uma cama muito branca e um pao mais branco que a cama; soube que outros pastores ganhavam maior jornal do que eu; e senti inveja; e pensei que era muito triste, cortejei-a e disse-me que sim; mas um homem, um rico, trouxera-me a noiva e desmoronou-a, e como que vingar-me, meteram-me na cadeia e deram-me pancadas; então senti ódio; e o ódio é uma coisa que põe as pessoas com vontade de morrer, como os lobos quando tem fome... Senti ódio e desejos de acabar a cajadadas com todos os que me faziam mal, a mim, que o não tinha feito a ninguém.

Isto me sucedeu por ter desido ao povoado... Mas não deserei outra vez; não deserei nunca enquanto venham dizer-me que os pastores podem dar-nos pão negro e eles com-lo branco: que os ricos podem tirar-nos as noivas e desforlhar, metendo-nos na prisão e matando-nos à pancada se nos queixamos e não consentimos em fazer o que querem.

Não; não deserei nunca. Para ver isso, para saber isso, estou aqui bem, com o meu cão e com as minhas ovelhas, e com os lobos que, no fim de contas, só fazem dano quando teem fome...

Só só se está melhor. Contar-vos há assim e vos voltará as costas, indo sentar-se junto à fonte como um protesto mudo, como uma queixa petrificada, como um hieroglífico, onde podem ler-se os primeiros prenúncios do imenso grito que uma humanidade, sacrificada por outra humanidade, reclama justiça.

Ali o vereis sempre, nas horas do meio dia. Ali está o pastor, junto à fonte que destila o jorro de suas águas sobre a ampla taça, cingida por espadas e juncos, enquanto o gado desce a sombra das azuleiras e carrasqueiros e o sol de Agosto se desfaç em chuva de fogo sobre os penedos e as bombas bravas e as rodas arruham em torno de seusinhos mecos construídos; as perdas cantam os seus amores, perseguindo-se entre os tomilhos rescos. Ali está ele, só, esperando que chegue o momento em que venham dizer-lhe que todos são irmãos, que a convivência com eles não pode despertar ambições, nem ódios, nem invejas. Ali está o solitário guardador de ovelhas, sentado sobre uma rocha, confundindo com ela a cor morena da sua cutis.

Ali está dormitando junto à fonte, com o cajado entre as pernas e o mastro aos pés.

Joaquim DICENTA

Interesses de classe

Remodelação radical

O programa de ordem do extinto presidente do ministério era menoscado pelo próprio procedimento em constante e apreciável contradição com ela. Não seria, nem é assim que se consegue, atacando a lei mais em harmonia com as necessidades das classes e dos tempos.

A tempestade que se estava encapando, sombria e negreada, pairava ainda enquanto não aparecia na presidência do ministério um autêntico valor social, capaz de encarar animosa e lideiramente com os graves problemas que a instrução sempre crescente, a grande guerra e os espasmos de um capitalismo tetaniforme tem aportado.

Ninguém no mundo, por mais neopoleônica ambição que tenha, possui meios de impedir o avanço de uma política igualitária. Não é furando greves, não é prendendo sem conceito, não é aumentando ao armanho melhor qualquer corporação militar que se consegue calar o pensamento, desunir dedicações, afastar deliberações. Tudo no nosso país está pedindo remodelação radical. Mas para ela será necessário ir buscar quem seja inteligente, quem o tenha provado com factos e obras, quem seja digno e como tal toda a gente o tenha e, bem mais, quem esteja ao par da situação mundial e se não tema de propor, de discutir e executar medidas radicais para muitos, mas naturais para todos aqueles que tem a ciência como o seu melhor trigo, a ventura de todos como o seu fisiológico fim na Terra.

Tem o país e cada um outro conforto e o seu estado patológico, de expurgar do jornalismo quem não faça da imprensa um evangelho e da política quem for incompetente ou desonesto. As espessas nuvens, que ocultam já o nosso pouco avultado céu, não poderão ser dispersas enquanto a força for o exclusivo elemento do poder e este não se aperceber que tudo neste mal de lágrimas é pura convenção, menos a sua distribuição ajustada a todas as razões dignas deste qualificativo.

O falecido presidente do ministério guiava-se por parecer contrário, daí o sobressalto em que vivia e o estado predo em que deixou as fontes vivas da nação.

Ele morreu desse sobressalto e a nação não resistirá por muito tempo se semelhante procedimento for a norma do seu sucessor na cadeira.

Quem quer que seja este, terá desde logo de prover à normalidade constitucional e dentro dela as necessidades mais urgentes.

Cabe a cada classe indicar as suas, se bem que uma, pela sua acção genérica, mereça geral auxílio na luta titânica de tantos tempos: a imprensa proletária.

Cabe a uma outra, pela sua importância técnica, e indispensável pelo valor dos seus elementos, requerer a normalização dos seus direitos e a efectivação dos seus deveres.

SOBRE UM LIVRO

«Canais e Lagoas»

Faltariam a verdade, se por acaso afirmássemos considerar como uma obra-prima o livro recentemente publicado por Octávio Brandão com o título «Canais e Lagoas».

No entanto, apesar das imperfeições que notamos, não podemos deixar de o classificar como um trabalho de certo valor, tanto de baixo do ponto de vista científico, como artístico.

Seguindo as pisadas de Humboldt, de Eliseu Reclus e de todos os grandes portos da natureza, que verdadeiramente «soubem» compreender os fins do estudo da geografia, O. Brandão — como era natural — embora ainda com este seu primeiro ensaio não tenha conseguido pôr-se a par dos seus mestres e inspiradores, mostra, no entanto, que possui faculdades, que lhe permitem mais cedo ou mais tarde, vir a alcançar esse desiderato.

Além de saber ver e transmitir todas as emoções e emoções em si despertadas pelas belezas naturais da Terra-Mãe, revela-se-nos também como um espírito de vasta cultura, conhecedor em especial, experimentalmente, toda a constituição mineralógica e petrológica do solo e sub-solo da sua terra natal, o estado de Lagoas.

No entanto, como já acima dissemos, não podemos deixar de lhe apontar alguns defeitos no seu livro; e assim é que em certos capítulos, verdadeiramente com algumas páginas de verdadeira compêndio de geografia, as exclamações e as apostrofes as mais exageradas e um estilo cheio de pompa, mais alegórico e hiperbólico, que desvia um pouco do género didáctico da obra.

Além disto, muitas das suas imagens e semelhanças são — na nossa opinião — destituídas de graça e originalidade, tendo-nos ficado de memória a que se segue:

«Grandes blocos de granito (que enchem o leito do Parahyba) tem inumeráveis como os lampadários de bronze da Mesquita bizantina e justiniana de S. Sofia».

Achamos isto sem gosto e sem correlação.

Uma outra coisa que também atrai a nossa atenção foi a maneira fácil como ele se afasta do assunto principal, embrenhando-se particularizando minuciosamente certas circunstâncias secundárias, que, como a história do sr. Nicodemus e as reclamações feitas ao governo, ou ao povo (diz ele) não sabem a qual se há de dirigir) sobre uma série de melhoramentos a introduzir em Lagoas, não vem para ali muito a propósito.

«Tal terra, tal estilo. — Terra indecisa, estilo indeciso, confuso, desordenado» — escreve O. Brandão, ao referir-se à inconsistência e à instabilidade da configuração física da terra dos «Canais e Lagoas»; e embora essas suas palavras não sejam absolutamente verdadeiras, todavia algumas passagens produzem-nos essa impressão.

Como exemplo citamos a seguinte: Falando-nos sobre os nevoeiros, a chuva, e vários outros meteoros, terminou ele, referindo-se os primeiros, com esta apostrofe:

«Os meus nevoeiros, em vos vendo, penso também nas brumas — ideais tristes — que me anuviavam a alma. Como esta desceria uma carinhosa mão materna sobre vós todas, neblinas regionais, que acalmasse os seus incêndios, que apaziguasse as suas tempestades, que quiescesse o seu espírito em um óptimo remate, se ele, além de não acrescentar mais estas palavras:

«Tempestades, furações, n'alma! Eia, marinheiro — artista — segura a nau — crebro — senão ela naufraga no golfo calmissimo da Melancolia ou no ansioso e inquieto oceano da Paranoia...»

não tivesse passado logo bruscamente para o parágrafo seguinte, sem o mais pequeno sinal de separação ou preâmbulo, a tratar de «arais e coriscos», escrevendo, a este respeito, numa linguagem chã e sem atavios, contrastando com a precedente:

«Cair um raio é um acaso; falar apenas de dois. Um em Coqueiro Seco, ao lado da sacristia da igreja; penetro nestes, redopio para lá e para cá, e em um dos cantos mergulhou. O outro, em S. Luzia, no lugar Quilombo etc., etc.»

Mas já que falamos demasiadamente em tudo quanto nos desagradou no livro de O. Brandão, cumprime-nos agora também fazer referência aquilo de que temos gostado.

De toda a obra o que sobramos com maior prazer foi a descrição, cheia de belas metáforas, de vida e de realidade, do Parahyba, o rio dos padroais.

Também interessante, mas já em segundo plano, temos o quadro da lagoa Nundah, toda se agitando louca e inquietante, mal o sol lhe dirige com carinhosa delicadeza os seus raios fascinantíssimos.

Não sabemos se com isto revelamos bom ou mau gosto, mas o facto é que não teria sido mais agradável que O. Brandão em vez de perder tempo, escrevendo que o rio tal e o lago tal, começasse aqui e acabasse acolá, etc., nos tivesse deixado — assim como fez para os Canais, quasi no fim do 4.º capítulo — a quatro pinçelas, os traços característicos (lagoas, canais e rios) da paisagem lagoana.

E terminando, acrescentamos o que acima de tudo temos com maior interesse foi a 3.ª parte do Apêndice final, em que Brandão nos conta, num estilo torturado, todas as dores e sofrimentos que lhe custou a execução da sua obra, bem como a sua vida martirizada de idealista sonhador num meio incompatível.

CONFERÊNCIAS

O propagandista do naturismo sr. Eliezer Kaminsky, que por todo o mundo, anda pregando a reforma dos costumes e especialmente a mudança dos processos reprodutivos da humanidade, realiza hoje, às 21 e meia horas, na explanada do Ateneu Comercial, rua Eugénio dos Santos, 110, uma conferência no ar livre sobre: «A salvação da humanidade pelo naturismo», sendo a entrada pública.

Proezas dum encarregado

Convidado a operário António Baptista, que nos deu a informação que ontem publicamos com o título acima, a comparecer hoje, pelas 21 horas, na nossa redacção.

A BATALHA

O que vai lá por fora

NA HUNGRIA

Os horrores do terror branco

Continua a fúnebre lista das vítimas do regime de Friedrich e Horty.

Na caserna de Kelenföld, próximo de Budapeste, foram mutilados e assassinados por soldados do grupo das forças brancas de Heppas, os dois comunistas húngaros Vadas Márton e Vadas Andor. Os seus cadáveres só foram encontrados tempos depois.

Os comunistas acusados de terem tentado contra a vida preciosa de Horty foram também condenados à morte pelo tribunal, mas este último cheio de generosidade comutou-lhes a pena capital em trabalhos forçados por toda a vida.

NA ITÁLIA

O espírito revolucionário dos trabalhadores

Está passando além de toda a nossa expectativa, a consciência revolucionária, já por mais uma vez manifestada em movimentos de diversa natureza, pelo proletariado italiano.

Com efeito, é para admirar que mesmo antes do início da verdadeira revolução — antes de terem experimentado aquele influxo de entusiasmos e audácia que se desenvolve sempre por ocasião de todos os movimentos de transformação social — os trabalhadores de Itália mostrem já possuir em tão alto grau a compreensão exacta e precisa de quais são os seus direitos e deveres.

Este facto comprova-nos que a revolução, a rebelar na Itália, irá muito mais longe do que todas quantas a tem precedido, e que conseguirá pôr em prática tudo que até hoje estas últimas tem tentado em vão.

Para corroborarmos estas afirmações, vamos citar a título de exemplo, alguns dos factos mais interessantes que por lá se tem passado.

Assim é que recentemente chegaram a estação dos caminhos de ferro de Santhiá, provenientes de Avigliana e com destino à Suíça, diversos vagões carregados, segundo diziam as etiquetas, de mobília pertencente a um engenheiro.

Depois, por qualquer motivo, constatou-se que em vez de mobília os vagões continham material de guerra destinado à Polónia, e então uma grande parte do pessoal, incluindo os maquinistas, num belo gesto de solidariedade, recusou-se terminantemente a pôr o comboio de novo em andamento.

O chefe da estação bem os ameaçou a todos, mas com isso nada conseguiu e para lá ficaram imobilizados todos os vagões, por não haver quem se prestasse a fazê-los seguir para o seu destino.

Em Viareggio, na Toscana, simplesmente por uns carabinieri terem assassinado um oficial, que discutia acaloradamente com outros por ocasião da festa desportiva, o povo levantou-se todo em massa cheia de indignação, incendiando casernas, apoderando-se do armamento (e até dum general), e levantando barricadas à entrada da cidade.

As tropas enviadas fizeram causa comum com os revoltosos, e os amigos da ordem para a poderem manter tiveram de fazer uso de meios suávoros.

PROPAGANDA SINDICALISTA

Aos operários manufatureiros de calçado de Braga

Tendo a Federação da Indústria de Calçado, Couros e Peles e a Associação dos Operários Manufatureiros de Calçado de Lisboa enviado, em 2 de Abril p.p., uma missão de propaganda ao Norte, foi essa missão desempenhada pelos camaradas João Antunes Rodrigues, pela F. I. C. C. P., e Jaime das Neves Guimarães, pela Associação dos Operários Manufatureiros de Calçado de Lisboa, que percorreu as seguintes localidades: Pórtio, Guimarães, Braga, S. João da Madeira, Coimbra, etc.

Reconhecendo esses delegados e assim o fizeram constar nos seus respectivos relatórios, a necessidade de uma intensa propaganda e envio de delegados, ainda que com pouca permanência, às localidades acima apontadas, isto para ver se consegue a uniformidade de salários em todo o país, pois que é esta uma das primeiras missões da Federação.

A Federação, tomando em atenção o relatório do seu delegado, enviou para Braga o camarada Raúl Duarte e Jaime das Neves Guimarães, que, embora não seja neste momento delegado da Federação, acompanha o primeiro para o auxiliar na organização da classe nesta cidade, visto ter-se reconhecido ser a mais desorganizada de todo o Norte.

Porém, devia ser esta a localidade que melhor organizada devia estar, pois a indústria está na sua maioria centralizada. Mas os militantes daqui não compreendendo o alcance moral e de organização que oferece a centralização da nossa indústria, deixam-se acorrentar pelo egoísmo de fazerem muitos pares, explorando desta forma os ajudantes que tem ao seu serviço.

Mais: eles são convites na infamíssima exploração que os industriais velhos e novos-ricos, exercem em especial no pessoal feminino, que trabalhando 12 e 13 horas por dia, auferem fabulosos ordenados que variam entre 40 e 800. Passa-se isto numa terra onde um quilo de pão custa 1300, um quilo de peixe 2500, e as cebolas a módica quantia de 50 a 60 e tudo assim sucessivamente.

Mais: eis que chegamos aqui no dia 22 de Abril p.p. e nos dirigimos ao camarada Joaquim de Oliveira Quintas, para sabermos que tendo sido um dos elementos mais activos da classe e sendo ainda ele hoje, embora com a classe desorganizada, o que tem o nome de presidente da mesma, pedindo-lhe para

pois que o frémito da rebelião já corria por toda a Toscana, formando-se batalhões operários dispostos a correrem em auxílio das tropas vermelhas de Viareggio.

O movimento, apesar de não ter tido consequências sérias por esta vez, no entanto mostrou-nos o estado de espírito em que se encontram as massas trabalhadoras da Itália, cheias de audácia e prontas para agir, logo que chegue a ocasião.

Mesmo dentro das casernas sopra também um vento de revolta, e assim é que o diário anarquista «Umanità» publica continuamente cartas de soldados, vindas de todos os pontos do país, em que estes declaram penitentemente, que estão prontos a secundar qualquer movimento revolucionário, que por acaso venha a estalar.

NA ROMÊNIA

A reacção

Durante a guerra, o partido socialista romeno tomou uma atitude retinamente revolucionária. Depois do último Congresso dos independentes da Alemanha, convocou ele todos os socialistas para uma conferência em Bucarest, a fim de se resolver se se deveria ou não aderir à Internacional de Moscú.

Lá, como por toda a parte, manifestaram-se três tendências. A mais forte, conglobando a maior parte das secções do antigo regime da Bessarábia e parte da Transilvânia, foi por a adesão pronta e imediata à Terceira Internacional.

Os ministerialistas da Transilvânia e Bucovina defenderam a união da Segunda com a Terceira Internacional, e os restantes membros do partido resolveram manter-se na Segunda, tais como os «Reconstrutores» franceses.

A burguesia, atemorizada com a vitória dos primeiros, iniciou logo as suas perseguições, e ameaçou todos as liberdades políticas, se o partido aderisse à Internacional de Moscú.

Foram tomadas medidas draconianas contra as greves e os tribunais militares começaram funcionando, condenando centenas de milhares de inocentes.

Presentemente, o número de perseguidos e condenados políticos sobe a mais de cem mil e o número de mortos também é já bastante elevado, contando-se entre estes o conhecido socialista revolucionário russo dr. Natasha Grünfeld.

PELA ÍNDIA

Os frutos da vitória da «Liberdade e da Justiça».

No Afeganistão, o chefe Boula, à frente de 16.000 Waziris bem armados e providos de munições, tem tentado pôr-se ao avanço das tropas inglesas e procurado juntar-se às tribus rebeldes de Mulsud.

Já se travaram combates sangrentos em diversos lugares, e as autoridades inglesas estão exercendo as mais violentas represálias nas povoações que lhes caem nas mãos. Tem sido destruídas sistematicamente as propriedades particulares nas diversas cidades ocupadas, e isto, se fosse praticado pelos imundos «boches», seria logo prontamente classificado como um acto de selvajaria, mas, como se trata do «campeão da liberdade» chamar-lhe háo, certamente, «forma de civilizar os povos atrasados».

convocar imediatamente a classe a reunir a fim de darmos início aos primeiros trabalhos de organização.

Prometemos-nos este camarada fazer reunir a classe, o que até agora, criminosamente, ainda não o fez, conseguindo-se, no entanto, à custa da propaganda da delegação que aqui esteve e da nossa propaganda, dar-se início à cobrança e à adesão e respectiva Federação à Indústria, trabalho este que tem sido auxiliado pelo camarada Custódio Braga, que tem sido incansável, tanto em fazer a cobrança como na inserção dos nossos sócios.

Depois de esperarmos um longo mês, resolvemos e de acordo com o camarada Custódio Braga e outros camaradas a classe a reunir, em assembleia geral, na quarta-feira, 9 do corrente, para se eleger uma comissão administrativa, dando-lhe legalidade e aos respectivos delegados à U. S. O., encarregando-se da convocação, que fielmente cumpriu, o camarada Custódio Braga, visto ser o cobrador e melhor do que nós conhecemos os componentes.

Mas... Oh! surpresa: surge-nos uma campanha vil, dimanada dos srs. industriais contra a projetada reunião, sendo seu serventário o tal camaradinha Quintas e outros, que há hora que acreditamos não podermos obter os seus nomes, conseguindo assim ver coroada de êxito a sua vergonhosa demarcação, servindo-a de suas infamíssimas calúnias: que nós tínhamos vindo de Lisboa para revolucionar a classe, lançando a greve e fomentando a desordem no seu seio e que tínhamos escrito para a Federação impedindo por esta forma de virem as cadernetas confederais.

Em face desta quebra de dignidade e em tais baixos processos, vemos-nos impossibilitados de agir, pois estes senhores ainda impõem com o seu conservantismo reaccionário na maioria da classe, também religiosa e conservadora, vendo-nos obrigados a retirar imediatamente para não nos suceder o mesmo que sucedeu às primeiras excursões republicanas e socialistas que a esta cidade vieram no tempo da monarquia, que era serem daqui corridas à traíção.

No entanto, cumprindo às União de Sindicatos Locais, organizar as classes desorganizadas, é para este organismo daqui que neste momento apelamos no sentido de pôr em acção o papel para que foram criadas, isto em atenção à organização local como de resto à organização em geral.

Desculpe, pois, camarada redactor o termo roubado este precioso espaço à nossa Batalha subversivo-nos: Vossos e da Causa — Raúl Duarte e Jaime das Neves Guimarães, manufatureiros de calçado — sindicados.

BREVEMENTE

Anúncios gratuitos

de PROCUA E OFERTA de operários, trabalhadores, empregados e serviais.

Anúncios económicos

a 1 centavo a palavra de COMPRAS E VENDAS de géneros alimentícios, vestuário, mobiliário, etc.

Fica a cargo do anunciante o selo de 2 ctvs. por anúncio.

Acetilam-se, desde já, na administração de «A BATALHA», Calçada do Combro, 38 A, 2.º, anúncios gratuitos e económicos.

As greves

Empregados de Farmácia do Porto

PORTO, 5.º — Prosseguem corajosamente em luta os empregados de Farmácia do Porto.

Ninguém ignora que esta classe está péssimamente paga; alguns empregados há que auferem o írissoiro ordenado de 15000 a 60000 mensais, que, como todos sabem, não lhes chega sequer para comer. Insignificante é o mesmo daqueles que ganham ordenado superior a 60000.

Devido a isso e após terem por intermédio da sua Associação de Classe realizado diversas demarções com as entidades patronais sem resultado algum, foi votada a greve geral na classe a partir do dia 2 juntamente com os Empregados no Comércio e Drograria, mostrando-se os E. de F. os mais coherentes e mais firmes nas suas reclamações.

Apesar disso ninguém retomará o serviço até que justiça seja feita a todos os camaradas. O serviço nas farmácias é feito com dificuldade tendo, contudo, o Comité Central consentido que nas farmácias fornecedoras de hospitais fiquem os empregados suficientes ao serviço. Outro tanto não se deu com a farmácia do hospital da Misericórdia, que tendo-se comprometido o pessoal a abandonar o serviço externo quiz a mesa administrativa obrigá-lo a trabalhar para os doentes externos. Tal intimativa foi recebida como deveria ser, recusando-se esses empregados a proceder de tal forma, e saindo para a rua em sinal de protesto. O director geral das farmácias da Liga, que é um socialista militante, procedeu também indignamente com os seus subordinados, despedindo-os logo que saíram para a greve! Tudo isto, longe de arrefecer os ânimos, contribui para que a vitória seja breve e segura. A serpente por uma ferida no que mais caro lhe é — a bolsa — mexe-se, trata de defender-se.

Os E. de F. encontram-se unidos, fortes, em plena coesão de ideias.

Apesar da greve quasi vencedora manter-se háo em luta até completa satisfação das suas reclamações. — M.

Reclamações corporativas

Ferrovários do Vale do Vouga publicaram um manifesto em que, com muita clareza, esclarecem todas as demarções efectuadas desde fins do passado ano para conseguir a melhoria das condições de trabalho.

1.º — Que sejam cumpridos integralmente os acordos feitos com o pessoal em Lisboa, na presença do então ministro do comércio sr. Jorge Nunes, ou seja a concessão dos 40 por cento das sobretaxas para o pessoal.

2.º — Que seja cumprido integralmente o acordo n.º 10 da Tarifa das Despesas Accesorias, dando-se a requisição de vagões a todos os expedidores, mediante o depósito de 2000.

3.º — Que sejam estabelecidos os comboios de mercadorias que há pouco foram suprimidos.

Termina o manifesto por dizer que reclamações e cumprimentos todas concessões já feitas ao pessoal e o cumprimento dos regulamentos estabelecidos pelo governo, para todas as empresas ferroviárias, bem como os comboios de mercadorias que há pouco foram suprimidos sistematicamente.

TEATRO DA TRINDADE Emp. Taveira

Uma figura de prestígio Tereza Taveira

A melhor cantadora de Fados Zulmira Miranda

13 rubias de mestre por Alberto Ghira

Um quarteto galantíssimo Julieta Rodrigues

Maria Aldina

Cremilda Torres

Rosalina Salal

A melhor, a mais divertida, a mais saliente e mais duradoura das revistas

Paz Armada

HOJE E TODAS AS NOITES

JOVENS SINDICALISTAS

Núcleo da Indústria de Calçado, Couros e Peles. — Reuniram as comissões administrativas da U. S. O. e da U. S. I. S. resolvendo levar a efeito a sessão inaugural no dia 21 do corrente, sendo convidados a fazerem-se representar todos os sindicatos a quem se interessar em participar.

No dia 15 realiza-se, pelas 21 horas, a assembleia geral para nomear uma comissão para levar a efeito uma festa em benefício do núcleo, e tratar outros assuntos de muito interesse para a mesma.

A BATALHA

NA PROVÍNCIA NOS ARREDORES

S. BRAZ DE ALPORTEL, 9

Um inspector de instrução primária à altura

Como se sabe, a Associação da Construção Civil mantém aqui uma escola e é de grande utilidade frequentada. Pola bem, o inspector de instrução primária do círculo de Faro, Francisco Ambrósio da Silva, a quem parece não agradar o desenvolvimento das instruções, apresentou-se há dias na escola e ordenou que só se desse aula durante quatro horas.

Tendo-lhe sido respondido que não era possível a tal ordem, respondeu que tinha de ser cumprida, pois, no caso contrário, voltaria lá e fecharia a escola, acabando com ela, porque estava fazendo mal aos outros professores.

Naturalmente, a sua primeira ideia era fechar a escola de vez, mas depois considerou um pouco e limitou-se a proibir que se desse aula por mais de quatro horas. A certa altura declarou que não iria encerrar a escola por ser amigo dos operários, mas que acabassem as suas ordens para evitar que fossem molestados.

Gostávamos de saber a razão porque esse senhor embriou com as escolas particulares. — C.

FARO, 9.

Uma classe que reclama

A fim de tratar da sua situação económica, reúne a classe dos chauffeurs, aprovando a tabela abaixo, como salariação mensal, tendo todos assinado um compromisso de honra pelas deliberações tomadas, com o intuito de manter a escola, no caso de não se cumprirem as condições.

«Chauffeurs» condutores de camionetas, passageiros, 15000 escudos mensais, descaem semanais, hospedagem e alimentação, quando saírem da terra onde residem; «chauffeurs» de automóveis particulares, 15000 escudos mensais, descaem semanais, hospedagem e alimentação, quando saírem da terra onde residem; «chauffeurs» de automóveis particulares, tendo cama e mesa, 8000 escudos mensais, descaem semanais, hospedagem e alimentação, quando saírem da terra onde residem.

Nada de exagerado tem a tabela apresentada, pelo que justo será serem satisfeitas as suas reclamações, já tendo sido uma classe bastante trabalhosa, sem que hoje saiba o que são as 8 horas, e o descaem semanal, que todas as outras classes já conquistaram. — C.

OS QUE MORREM

FUNERAIS

Realizam-se hoje os funerais das seguintes pessoas:

Os lucros realizados pelo nosso serviço de livreria são exclusivamente aplicados à propaganda. Auxilia-se a BATALHA, adquirindo, por intermédio da nossa administração, os livros e mais publicações de que se necessita.

Organizam-se e fornecem-se projectos e orgânicos de bibliotecas populares, cooperativas, sindicais, etc.

A administração de A Batalha, desejando contribuir para o cultivo dos trabalhadores, propõe-se facultar-lhes os meios de se instruírem encarregando-se de fornecer todos os livros que lhe sejam pedidos e iniciando em breve a sua secção editorial.

A leitura é um dos meios de educação do operário e quanto maior for a capacidade de leitura entre as classes trabalhadoras, mais próximo estaremos de conseguir a emancipação que todos anelamos.

Por precária que seja a sua situação económica, todo o trabalhador pode ilustrar-se desde que dedique a aquisição de livros e folhetos educativos, aqueles centavos que mal gasta no tabaco, na taberna e no café, e em divertimentos que o envenenam e brutificam.

A reflexão dos nossos camaradas e amigos submetem-nos a circunstâncias de esta secção de livreria redimida em benefício de A Batalha, pois o desconto que as casas editoras fazem para a revenda, reverte a favor da nossa administração que empregará todos os esforços para atender pontualmente todos os pedidos que lhe façam de livros e folhetos.

A medida que as circunstâncias permitam, publicaremos a relação daquelas obras que, em nossa opinião, possam dar a orientação que deve seguir o proletariado que deseja emancipar-se da exploração capitalista.

Não esqueçamos que os livros deixados de ser explorados e tirados quando deixarem de ser ignorantes.

As casas e grupos editores, a administração preveio que se encarrega da venda, da consignação, de todos os livros e folhetos que editem e cuja livreria possa ser recomendada por A Batalha.

Obras de educação profissional, de ciência, filosofia, sociologia e higiene.

Brochuras e folhetos de propaganda sindicalista.

Romances sociais, teatro livre, retratos, postais, hinos, canções revolucionárias, etc.

Serviço de livreria de A BATALHA

Sociologia

Adolfo Lima—O contrato de trabalho..... 800
Antonoff—A Rússia Bolchevique..... 800
Albert—O amor livre..... 800
A. C. Santos—A Questão Operária e o Socialismo..... 250
Briand—A Greve Geral..... 800
Buchner—Na surota do século XX..... 800
Campos Lima—O movimento operário em Portugal..... 800
Dufour—O socialismo e a próxima revolução (2 vol.)..... 1800
Delais—Os financeiros, os políticos e a guerra..... 800
Eliant—A minha defesa..... 800
Emile Pouget—A confederação geral do trabalho..... 250
Emilio Costa—Acção directa e acção legal..... 800
Fraser—A Rússia Vermelha..... 1800
Fabra Ribas—O Socialismo e o conflito europeu..... 800

Grave:
A anarquia—Fins e meios..... 1400
A sociedade futura..... 800
O indivíduo e a sociedade..... 800
Griffuelhes—A Acção Sindicalista..... 800
Guédes—Aos assalariados..... 800
Guyan—Ensaio de uma moral..... 800

H. Salgado:
A ciência e a religião..... 475
Mentiras religiosas..... 415

Hamoni:
A conferência da Paz e a sua obra..... 800
As lições da guerra mundial..... 1800
Psicologia do militar profissional..... 800
Psicologia do socialista-anarquista..... 800
Socialismo e Anarquismo..... 800

Krapotkin:
A conquista do pão..... 1800
A grande revolução (2 vol.)..... 1800
Em volta duma vida..... 1800

Moral-anarquista..... 800
Os bastidores da guerra..... 800
Lagardelle—Socialismo e Socialismo..... 800
Landauer—A Social Democracia na Alemanha..... 800
Leone—O socialismo..... 800
Malatesta:
A política parlamentar no movimento socialista..... 800
Em tempo de eleições..... 800
O Programa Socialista anarquista revolucionário..... 800
Marx—O capital..... 800
Molnari—Problemas sociais..... 800
M. Pierrot—Socialismo e Revolução..... 800
Nietzsche:
Anti-Christo..... 800
Como falava Zaratustra..... 1800
Genealogia da moral..... 800
Naquet—A caminho da União livre..... 800

Prat:
Necessidade da associação..... 800
Socialismo e greve geral..... 800
Raland—A Rússia Nova..... 800
Ratés—A Ditadura do Proletariado..... 800
Rossi—A sugestão e as multidões..... 800
Rusemann—A escravidão da mulher..... 800
Santos—A Transformação da Sociedade..... 800

Tolstói:
A escravidão moderna..... 800
O canto do clero..... 800
Últimas palavras..... 800
Vandervelde—O Socialismo e a Evolução Industrial..... 800
Varenes—O Terrorismo em França..... 800

A Sementeira
Os 4 anos da 2.ª série (1916 a 1919)..... 1800
FOTOGRAFIAS (em papel couro):
de Bakunine, Berliet, Sudekermann, cad. 1..... 800
Postais de Lénine e Trotsky (2)..... 800
1.º de Maio: Capital e o Trabalho a O 2.º (número comemorativo do 1.º de Maio de 1919)..... 800

A leitura é um dos maiores prazeres que ao Homem é permitido gozar. Revolta o pensar que há quem não possa saborear porque não sabe ler, indigna o saber que há quem não goste porque não quer.

Literatura

Alfredo N. Dias—Razão (poemeta social)..... 800
E. Silva—Teatro livre e Arte social..... 800
Gorki:
Os degenerados..... 800
Os vagabundos..... 800

Ibsen:
Espectros (drama)..... 800
Manuel Ribeiro:
A Catedral..... 1800
Imperiosa verdade..... 800
O sentido de viver (versos)..... 800

Mirbeau:
O Jardim dos Suplícios..... 800
Memórias duma criada de quarto..... 1800
Tolstói:
Marquêsinho—champsaur..... 800
Sonata de Koentzer..... 800

Vitor Hugo:
França e Bélgica (3 v.)..... 1800
Han d'Islandia (2 vol.)..... 1800
Noventa e três (2 vol.)..... 1800
O homem que ri (3 vol.)..... 1800
O Reno (3 v.)..... 1800
O último dia dum condenado..... 1800
Os hostens do mar (2 vol.)..... 1800

Zola:
Alegria de viver (2 vol.)..... 1800
Conquista de Plassans (2 vol.)..... 1800
A fortuna dos Rougons (2 vol.)..... 1800
A obra (2 v.)..... 1800
A taberna (3 v.)..... 1800
A terra (2 v.)..... 1800

Ciência e Filosofia

Paraíso das Damas (2 vol.)..... 1800
Teresa Raquin..... 800
Uma página de amor (2 vol.)..... 1800

Alfred Binet—A alma e o corpo..... 1800
A. Dastre—A vida e a morte..... 1800
Benedicti—Arte de estadística..... 800
Benezzel—A vida social..... 1800
Benussi—Criação e vida..... 800
Colson—Organismo económico e de ordem social..... 1800
Denoy—Descendemos do macaco?..... 800

E. Faguet:
Arte de ler..... 800
A mulher e a ciência..... 1800
Iniciação Filosófica..... 1800
Horror das responsabilidades..... 800

Flamarion:
Iniciação astronómica..... 1800
Astronomia popular..... 800
A vida nos astros..... 800
Curiosidades astronómicas..... 800

F. Dantec:
A ciência e a vida..... 1800
Mecânica da vida..... 800
Jean Cruet—A vida do Directo..... 800
Le Bon—Evolução geral da vida..... 800
Stranes—A vida e a nova fé..... 800

Eduquemo-nos e instruo-nos antes de pretendemos educar e ensinar os outros.

Ensino Profissional
Automobilista..... 2800
Condutor de máquinas..... 2800
Fabricantes de tecidos..... 1800
Ferreiro..... 1800
Formador de alunos..... 1800
Fundidor..... 1800
Galvanoplastia..... 2800
Navegante..... 2800

Elementos de:

Química..... 1800
Electricidade..... 1800
Mecânica..... 1800
Modelação de ornato e figura..... 1800
Física..... 1800
Projeções..... 1800
Mecânica..... 1800
Química..... 1800

Quanto mais sabemos, mais nos convencemos de que muito ainda nos falta saber. Daí a necessidade de prosseguir estudando, continuamente.

Mecânica
Elementos de mecânica..... 1800
Iniciação de mecânica..... 1800
Material agrícola..... 1800
Nomenclatura de caldeiras e de máquinas a vapor..... 1800

Construção Civil
Acabamentos de construções..... 1800
Alvenaria e cantaria..... 1800
Edificações..... 1800
Encanamentos e salubridade das habitações..... 1800
Educação e ensino (Adolfo Lima)..... 800
Escola moderna..... 1800
Iniciação literária..... 1800
Iniciação de botânica..... 1800
Iniciação zoológica..... 1800
Iniciação de matemática..... 1800
História Universal (2 vol.) Clemence Jaquet..... 2800
Psico-Fisiologia..... 800
Reinach—História das religiões..... 800

Manuais de ofício
Automobilista..... 2800
Condutor de máquinas..... 2800
Fabricantes de tecidos..... 1800
Ferreiro..... 1800
Formador de alunos..... 1800
Fundidor..... 1800
Galvanoplastia..... 2800
Navegante..... 2800

Além das obras incluídas nesta relação, satisfazem-se todas as encomendas de livros que venham acompanhadas da importância correspondente, acrescida de 10 por cento do valor da obra e de mais \$08 para porte de correio e registo.

Todos os pedidos de livros devem ser endereçados ao Serviço de livreria de A BATALHA Calçada de Combro, 38-A, 2.ª LISBOA — PORTUGAL

O confeiteiro prático..... 1800
Platagem..... 2800
Sapateiro..... 2800
Serraleiro mecânico..... 1800
Torneiro mecânico..... 1800
Tipógrafo..... 2800

Conhecimentos gerais de diversas indústrias
Indústria alimentar..... 1800
Indústria cerâmica..... 1800
Vinhos, vinhos e prados..... 800

Educação e ensino

Arte de estudar..... 1800
Arte de ler..... 1800
A pedagogia, o Estado e a família..... 800
Como se deve educar o espírito..... 800
Educação e ensino (Adolfo Lima)..... 800
Escola moderna..... 1800
Iniciação literária..... 1800
Iniciação de botânica..... 1800
Iniciação zoológica..... 1800
Iniciação de matemática..... 1800
História Universal (2 vol.) Clemence Jaquet..... 2800
Psico-Fisiologia..... 800
Reinach—História das religiões..... 800

O maior inimigo que se opõe à nossa felicidade encontra-se em nós próprios. É a nossa ignorância. Como aniquilá-la? Lendo, lendo muito, lendo sempre e reflectindo no que se lê.

Borges do Rêgo

RUA IVENS, 11
LISBOA

Vende azeite EXTRA para fabrico de conservas

Folha f. c. b. r., estanho L.

PAPELARIA

Viuva de Manuel da Costa Marques & C.ª Limitada

Rua do Ouro, 36
Telefone 2.676-C.

COMPLETO SORTIDO DE ARTIGOS PARA ESCRITÓRIO

A Transformação da Sociedade pela acção do

Sindicalismo Revolucionário por José dos Santos
Folheto de propaganda onde o autor demonstra o valor do sindicalismo na transformação da Sociedade. Ao preço de \$15
A venda na administração de A Batalha.

JANOTAS????

Sejam económicos!!!
Como vestir bem e barato??

Só na ALFAIATARIA JANOTA. Onde se vêem fatos e sobretudo ficando como novos, baratos e no rigor da moda. Especialidade em fatos de lã, variados sortido de fazendas a preços resumidos. Aceitam-se fatos afeito.
Rua de São João, 215, loja e 3.º andar, esquina 8, João dos Bemouças—(Electricidade à porta, carro da Estrela)—Postal a 3, Madeira. (133)

NOTAS & COMENTÁRIOS por PERFEITO DE CARVALHO
Recebem-se pedidos na administração de A Batalha.

Companhia de Papel de Gois

Ponte de Sotam-Gois
FABRICA toda a qualidade de papeis de embrulho, sacos, cartuchinhos, manteigueiro, costaneiras, almagos, coquiles, escrita, impressão, assetinados, capas e carta, bem como papeis de fabricação especial

Lisos e pautados

Agente e depositário geral

A. B. dos REIS

52, Cais do Sodré, Lisboa—Telefone C. 4.317

10, Rua da Nova Alfandega, Porto—Tel. 2.192

Chapelaria A SOCIAL

Cooperativa dos Operários Chapelheiros
Grande sortimento em chapéus, lisos e mechas em cores lindíssimas, formatos dos mais afamados fabricantes estrangeiros
GRANDE NOVIDADE

Chapéu mole, novo modelo americano, muito elegante, só na Cooperativa A SOCIAL
ESPECIALIDADE EM CHAPEUS DE SEDA E FLAMÃO

Armazem e escritório: Rua Fernandes da Fonseca, 25, 1.º

ESTABELECIMENTOS
Sede: — 31, Rua Fernandes da Fonseca, 33
1.ª Sucursal: — Rua dos Poiais de S. Bento, 74, 74-A
2.ª Sucursal: — Rua do Corpo Santo, 29
3.ª Sucursal: — Rua do Arco Marquês de Alegrete, 56, 58

Fábrica de bonets
Chapéu modelo Jaurès (Exclusivo)

O verdadeiro moinho "AERMOTOR"

Novo modelo americano, com engrenagem e tirantes duplos lubrificando automaticamente com óleo. Este moinho extrai água a qualquer profundidade bem como na elevação; podem também ser adaptados para moagens e para força motriz. Pedir nosso catálogo para esclarecimento. Executam-se trabalhos de serralaria, civil e mecânica, bombas e encanamentos sejam estes quais forem.

Orçamentos grátis
JUSTO, SANTOS & THIMOTÉ, L.ª
Tr. do Rosário, 10-A (à Praça da Alegria)

Trabalhadores lede e propagai A BATALHA

Fundição Tipográfica

"A Funtipo", P. Gini—Director Técnico

Instalações rápidas para jornais e tipografias de luxo
Escritório e Depósito
R. Nova da Piedade, 60, 2.º-3.º
22 Telefone C.—4329

CLINICA DENTÁRIA BARROS MARINHAS

Extrações dentes por anestesia especial. Colocação dentes fixos e com placa.
25—Rua da Assunção—25 (Esquina da R. da Prata)

Acidentes de trabalho

Seguro obrigatório

O Diário do Governo de 22 de Novembro de 1919 publica o modelo da caderneta profissional, que todos os patrões são obrigados a fornecer a todo o seu pessoal, em conformidade com a nova lei de 10 de Maio de 1919. A MUNDIAL, a fim de facilitar aos seus segurados o cumprimento da nova lei, fornece gratuitamente as referidas cadernetas. Pedidos das cadernetas bem como dos exemplares da nova lei.

A MUNDIAL
COMPANHIA DE SEGUROS
CAPITAL, 500.000\$000
RESERVAS: 405.402\$76,7

Sede em Lisboa—Rua Garrett, 95
Telefone 4084
Delegação no Porto—Rua Sá da Bandeira, 331, 1.º

O BRIC-Á-BRAC DE ALCANTARA

JOSÉ NICOLAU VERÍSSIMO
Rua de Alcântara, 37
SUCURSAL—Rua do Livramento, 111 e 113

Compra, vende e troca móveis novos e usados e toda a qualidade de artigos de mobílias completas de quarto, casa de jantar, escritório e sala.

Sucatas, trapos, papel e lã, 5 0/10 de desconto aos assinantes de A Batalha.

Fósforos

Ficam avisados os srs. revendedores de fósforos de que podem dirigir directamente os seus pedidos:

No norte do País, aos Revendedores Geraes:
Nunes Macedo & Borges, S. res 290
67, Rua do Bom Jardim, 69—PORTO
No Sul e Ilhas Adjacentes, aos Revendedores Geraes:
Nogueira Marques & C.ª

Rua da Alameda, 92—LISBOA
sendo os preços por caixote de 3:600 caixinhas (25 grozas):
Fósforos de enxofre 36\$00 ou \$01 por caixinha; ditos Amorfo, 72\$00 ou \$02; ditos de Cera Comum, 72\$00 ou \$02; ditos de Cera de Luxo n.º 1 (quarto de caixote), 36\$00 ou \$04; ditos de Cera de Luxo n.º 2 (quarto de caixote), 27\$00 ou \$03 por caixinha, com o desconto legal de 10 0/10, seja qual for o número de grozas pedidas.

Quaisquer queixas acerca da demora da execução dos pedidos ou falta de concessão do desconto, devem ser dirigidas à Companhia Portuguesa de Fósforos, rua de S. Julião, 139—LISBOA.

ALFAIATARIA DO MUNDO CHIC

Confecção com a máxima perfeição e economia. FÓSFOS para HOMENS e VESTIDOS para SENHORA.
Aceita fazendas ou fornece lindos padrões. (92)
Preços sem competência
RUA DO MUNDO, 66
(Em frente do jornal) LISBOA

Africa ocidental

Vapor «Mossamedes»
Sairá no dia 15 de Junho para os portos do costume tocando em B. Velha.

Africa oriental

Vapor «Africa»
Sairá brevemente para Loanda, portos do Congo com baldeação em Loanda, Lobito, Mossamedes, Cabo, Lourenço Marques, Beira e Moçambique; e para Inhambane, B. Dias, Chinde, Quelimane, Angoché, Porto Amélia, Ibo e Tugue com transbordo.

Para carga e quaisquer escla-recimentos dirigir-se aos escritórios da

Companhia Nacional de Navegação

Em Lisboa, Rua do Comércio, 85.
No Porto, Rua da Nova Alfandega, 34.

A CATEDRAL

Romance de arte social, original do camarada
Manuel Ribeiro
300 pags. — 1\$50

A venda na administração de A BATALHA

Seguros Sociais Obrigatórios

Contra desastres no trabalho
Pedir as cadernetas para a inscrição obrigatória do pessoal ao CONSÓRCIO GERAL DE SEGUROS CONTRA ACIDENTES E RESPONSABILIDADE CIVIL.

LISBOA, RUA IVENS, 49 — PORTO, RUA SÁ DA BANDEIRA, 222



Não me ralo!

Vou ali à CHAPELARIA LUZITANA, e por um preço baratíssimo, compro um chapéu bom, bonito, bem acabado e duma solidez capaz de resistir a todos os vasos.

CHAPELARIA LUZITANA
Rua Arco Marquês de Alegrete, 45-51

NICOLAU GOMES CORREA

Alfaiate-Mercador

Fornecido e dos empregados dos Caminhos de Ferro Portugueses, do Sul e Norte, da Caixa dos Operários da Câmara Municipal de Lisboa, da Cooperativa da Fábrica de Material de Guerra. Variado sortimento de lençóis para homens e senhores, padrões da moda, preços limitados.
ALFAIATARIA Especialidade em fatos sobre-tudos, capas alentejanas e casacos de senhora já confeccionados, tudo pelos figurinos da moda.

255-Rua dos Panqueiros-255

OURO!!!

Mais barato e não so paga feito—Só milagre!!!
OURO

Compre na conhecida e acreditada casa Paiva & Fraga. Há sempre grande sortido de cordões, correntes, anéis, alfinetes e mais objectos em 2.ª mão renovados com pouco feito.

4 a 12, R. da Palma, 4 a 12
Junto à Casa das Galoias
TELEFONE 3676

Electricidade

Instalações eléctricas de luz, campainhas, força motriz, pára-raios, telefones, elevadores, gaz e água. (134)

Orçamentos grátis
62-R, Rua D. Estefânia, 62-B
Carlos Costa

A' Rapaziada!!!

As valentes e peras!



Botas pretas, para homem, a 13\$75, 10\$25 e 10\$75.
Botas brancas, As Valentes, a 13\$75.
Botas pretas, duas solas, a 10\$75.
Sapatos, para senhora, a 11\$50, 14\$50, 15\$00 e 10\$00.
Grande variedade de calçado para crianças, e de luxo para senhora.
Para à frente é que é!!!
Venham ver os nossos preços!

Fornecedores dos empregados dos Caminhos de Ferro Portugueses e do Sul e Norte e da Cooperativa dos empregados do «Diário de Notícias».

SAPATARIA S. ROQUE
16, Largo Trindade Coelho, 17 (Antigo Largo S. Roque) 27